

Brasil crescerá 4,5% em 2001, prevê o FMI

Instituição projeta inflação em queda e redução do déficit em conta corrente

PAULO SOTERO
Enviado especial

PRAGA – A economia brasileira terá uma expansão de 4% este ano e continuará num caminho favorável no ano que vem, com um crescimento previsto de 4,5% e inflação em queda – de 7,5% em 2000 para 5% em 2001.

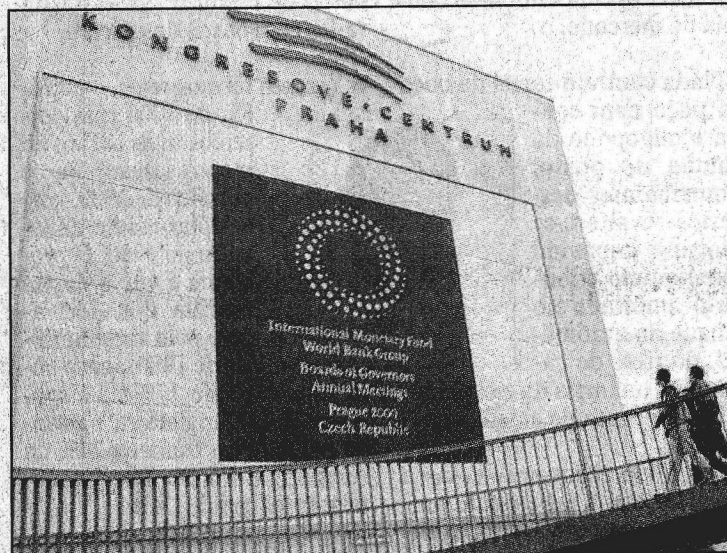
A projeção está no “Panorama Econômico Mundial” divulgado ontem no início da reunião anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, a primeira realizada num ex-país socialista da Europa desde o colapso do modelo soviético de economia de comando central.

A parte formal do encontro, que começa terça-feira, deverá ser marcada por dois fatos principais. Por um lado, grandes protestos envolvendo até 20 mil manifestantes mobilizados por mais de mil organizações não-governamentais que responsabilizam as duas instituições pelo agravamento dos problemas de desigualdade e pobreza nos países em desenvolvimento e prometem repetir, na capital da República Checa, o grande movimento de denúncia à globalização que lançaram na reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio, em Seattle, em dezem-

bro passado, e continuaram durante o encontro de primavera do FMI e do Banco Mundial em Washington, em abril. Por outro, e em parte como resposta a essas críticas, o FMI e o Banco Mundial anunciarão um esforço para acelerar o projeto de perdão das dívidas dos países pobres mais endividados e cumprir o compromisso assumido há três anos, no lançamento desse programa, de beneficiar metade das 41 nações elegíveis até o fim deste ano. No momento, apenas dez tiveram suas dívidas a credores oficiais canceladas.

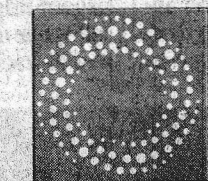
Apesar das boas perspectivas da economia mundial no futuro previsível, os protestos não são os únicos fatores de tensão. Há, como pano de fundo do encontro dos 15 mil representantes do mundo financeiro oficial e privado esperados, a tensão criada pela desvalorização do euro e a alta dos preços do petróleo, que se combinaram para alimentar uma revolta popular contra a taxação dos combustíveis na Europa.

América Latina – As perspectivas positivas da economia brasileira no futuro previsível são parte de um panorama geral-



Em Praga, a primeira reunião do FMI num país ex-comunista

Associated Press



DÉFICIT
EXTERNO
CONTINUARÁ
A CAIR

mente auspicioso para a América Latina. Segundo o FMI, a região como um todo deve crescer 4,25% este ano e 4,5% em 2001, com inflação sob controle e na casa de um dígito em vários países. Ela continuará atraente para o capital externo. Os fluxos líquidos privados,

que devem aumentar de US\$ 40,4 bilhões em 1999 para US\$ 47,5 bilhões este ano, podem chegar a US\$ 65,1 bilhões em 2001. Mas, de acordo com a análise do FMI, sua composição mudará, com uma redução

do investimento direto líquido de US\$ 56,6 bilhões para US\$ 50,6 bilhões, que será mais do que compensada pelo aumento líquido das aplicações externas em bolsa, projetadas para saltar de US\$ 6,3 bilhões para US\$ 18,2 bilhões.

A análise semestral do FMI destaca como fatores que contribuem para o cenário positivo no Brasil a retomada das exportações, que ocorre “em resultado da depreciação (do real) no início de 1999”, e “o aumento do consumo e do investimento”. O déficit externo – refletido pelo resultado em conta corrente – continuará a diminuir, de 4,9% do PIB em 1999 para 3,9% este ano e 3,5% em 2001. O estudo mostra que o tamanho da dívida externa em proporção à economia caiu de

44,6% em 1999 para 36,3% este ano. Este número é mais próximo da realidade anterior à crise cambial do início do ano passado e reflete o repagamento da maior parte dos créditos de curto prazo que o País recebeu na época do FMI, do Banco Mundial e dos governos dos países industrializados. A dívida de curto prazo caiu de 5,1% do PIB em 1999 para 3,8%.

Argentina e México – Apesar das boas notícias, o FMI alerta para os fatores negativos e para os riscos que permanecem no panorama continental. O déficit de conta corrente da região deve subir de US\$ 58,7 bilhões para US\$ 66,5 bilhões, puxado principalmente pela Argentina e pelo México. O economista-chefe do fundo, Michael Mussa, informou que a instituição reduziu de 4% para 2% sua projeção de crescimento este ano da Argentina. A perda de dinamismo da economia e a consequente redução da arrecadação de impostos agravou a situação fiscal e está forçando o governo a adotar medidas restritivas de curto prazo que realimentam o problema e inibem o crescimento. “O problema da situação na Argentina, onde há um compromisso com o plano de conversibilidade da moeda e onde o déficit em conta corrente é significativo, é que realmente não é prudente aumentar demasiado o déficit fiscal (pois) isso torna os credores domésticos e externos nervosos e tende a empurrar a taxa de juros para cima”.

O FMI acaba de completar o exame do programa econômico do governo De la Rúa e Mussa disse que as autoridades argentinas estão “administrando bem a situação”. Mas ele acrescentou que o país viverá “um período duro, e não há realmente nenhuma alternativa construtiva a não ser enfrentar a situação” porque, embora o fundo não veja uma ameaça iminente de crise financeira, “não há soluções mágicas”.

Outro problema potencial é o superaquecimento da economia do México. “Acho que existe a preocupação de que a economia mexicana está crescendo um pouco rápido demais, de que a demanda está se expandindo depressa demais e isso está contribuindo para certa preocupação no lado da inflação e mais preocupação ainda com o aumento do déficit de conta corrente, especialmente frente aos Estados Unidos, que são o parceiro comercial dominante do México”.

O relatório traz também advertências para a América Latina caso sua previsão dominante, de um pouso suave da economia americana numa taxa de crescimento mais baixa e sustentável, seja substituída por um cenário mais difícil, no qual o crescimento de 3,2% se reduziria a pouco mais de 1%. O estudo mostra que a América Latina seria a região que mais sofreria, com a previsão de 4,5% de expansão do PIB regional esperada para 2001 caindo pela metade.